



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

THAYLLANY KEYLLA DE LIMA SILVA

**CURRÍCULO E TECNOLOGIAS: O USO DOS SMARTPHONES POR
ESTUDANTES ADOLESCENTES DOS ANOS FINAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

THAYLLANY KEYLLA DE LIMA SILVA

**CURRÍCULO E TECNOLOGIAS: O USO DOS SMARTPHONES POR
ESTUDANTES ADOLESCENTES DOS ANOS FINAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial para
a obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia, pela Universidade Federal da
Paraíba (UFPB).

Orientadora: Prof. Dra. Nathália
Fernandes Egito Rocha

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586c Silva, Thayllany Keylla de Lima.

Curriculo e tecnologias: o uso dos smartphones por
estudantes adolescentes dos anos finais do ensino
fundamental / Thayllany Keylla de Lima Silva. - João
Pessoa, 2025.

43 f. : il.

Orientação: Nathália Fernandes Egito Rocha.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Currículo. 2. Tecnologias educacionais. 3.
Educação básica. 4. Práticas pedagógicas. I. Rocha,
Nathália Fernandes Egito. II. Título.

UFPB/CE

CDU 37.016(043.2)

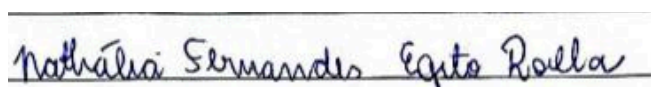
THAYLLANY KEYLLA DE LIMA SILVA

**CURRÍCULO E TECNOLOGIAS: O USO DOS SMARTPHONES POR
ESTUDANTES ADOLESCENTES DOS ANOS FINAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a obtenção do
título de Licenciatura em Pedagogia, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Aprovada em: 01 de outubro de 2025

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª. Dra. Nathália Fernandes Egito Rocha – UFPB/DHP
(Orientadora)

Prof.ª. Dra. Evelyn Fernandes Azevedo Faheina – UFPB/DHP
(Examinadora)

Prof.ª. Dra. Elzanir dos Santos - UFPB/DME
(Examinadora)

Porque para Deus nada é impossível.

Lucas 1:37

AGRADECIMENTOS

Ao Deus, dono da minha vida, agradeço pela oportunidade que ele me concedeu de ingressar neste curso mesmo quando eu acreditava não ser possível, e durante todo esse tempo sustentar-me e me manter de pé, me ajudando e fortalecendo para que não viesse a desistir. Se hoje chego ao fim dessa jornada, é porque em todo o processo Ele esteve comigo e não me deixou desistir. Agradeço por sua infinita bondade e misericórdia, mesmo sendo tão falha e imperfeita, ainda assim, a sua graça me alcança todos os dias.

À minha mãe e minha irmã, Leni Valquíria e Thammyly Vitória, por terem pegado na minha mão durante todo o processo, acompanharam todos os meus passos, sempre realizando sacrifícios para que este objetivo fosse alcançado. Mesmo que eu utilize todas as palavras existentes, ainda assim não conseguiria expor toda a minha gratidão, pois vai muito além do que eu conseguiria expressar, meu desejo é que algum dia eu consiga retribuir pelo menos 10% do que vocês fizeram e fazem por mim. Carrego vocês em meu coração, em todo momento e em todo lugar. Vocês são demonstrações do amor de Deus para comigo. Eu as amo, minhas companheiras e amigas!

Ao meu pai, Natanael Severino (*in memoriam*), que durante sua passagem aqui na terra me ensinou o significado de determinação, força e coragem. Durante sua vida, sempre mostrou-me o meu valor e exerceu sua função de pai com maestria, mas além de pai, foi o meu amigo. Independente de quanto tempo se passe, o meu amor permanece, mas agora ele também carrega saudade. Deus foi bondoso comigo em me presentear com o tempo que tive ao seu lado.

Ao meu amor, Antony André, que sempre estendeu sua mão para me dar ânimo e força. Que sempre acreditou em mim mesmo quando eu duvidava de que um dia conseguiria concluir esse curso. Que sempre buscou me ajudar, mesmo quando tinha vezes que a única coisa que lhe seria possível seria me ouvir, e você me ouviu sem reclamar, sempre com uma palavra positiva para me acalmar. Meu sincero agradecimento. Eu te amo!

À minha orientadora, Dra. Nathália Fernandes Egito Rocha, obrigada por todo direcionamento, me ouvir, escutar minhas dificuldades e buscar formas para me ajudar, sempre estendendo a mão e me mostrando que eu conseguiria. Obrigada por abrir meus olhos para pontos de vista que sequer passaram por minha mente, pela paciência que teve comigo durante todo o processo, pelos conselhos que levarei durante toda a minha jornada. Obrigada por me acompanhar nessa jornada, e ser minha guia para a conclusão dessa etapa tão sonhada. Desde que tive o prazer de cursar uma disciplina ministrada por você, soube que não teria como ser outra pessoa.

Aos meus companheiros de jornada, que desde o primeiro período estiveram comigo, onde fomos a força para persistimos e chegarmos até aqui, torço pelo sucesso de cada um, sempre disponibilizando a minha mão como apoio para vocês, pronta para ajudá-los, porque aqui ninguém solta a mão de ninguém.

À minha querida amiga, Maria de Fátima, a qual Deus me deu a honra de ter em minha vida. Tenho certeza que você é um presente de Deus na minha vida. Com você, o processo se tornou mais suportável (mesmo quando parecia que não daria mais para suportar), se tornou mais doce e leve. A sua amizade e seu companheirismo foram essenciais para que eu chegasse até aqui. Na Bíblia, em específico no livro de Provérbios 27.9, diz que da mesma forma que os perfumes alegram a vida, a amizade sincera dá ânimo para viver, e você é exatamente assim em minha vida. Nossa amizade vai além das paredes desta universidade. Eu a amo.

À banca examinadora, Profa. Dra. Elzanir dos Santos e Profa. Dra. Evelyn Fernandes, por todos comentários e correções na conclusão deste trabalho. Ter vocês ao longo da minha jornada acadêmica impactaram a minha trajetória até aqui, apresentando-me ensinamentos que sem dúvidas levarei comigo durante minha caminhada profissional.

RESUMO

O presente trabalho tem como tema o uso dos smartphones no contexto escolar e suas implicações para as práticas curriculares no Ensino Fundamental. O problema que norteia a investigação consiste em compreender como os estudantes do 6º e do 9º ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública, percebem o uso ou a restrição do uso dos celulares na escola e de que maneira essa situação afeta sua experiência curricular. O objetivo geral da pesquisa é analisar as percepções dos alunos acerca do uso de celulares no ambiente escolar, investigando seus impactos na vivência curricular. A metodologia utilizada caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva, desenvolvida em uma escola pública do município de Alhandra/PB, com a participação de dez estudantes, sendo cinco do 6º ano e cinco do 9º ano. Os dados foram coletados por meio de questionários abertos e entrevistas, sendo posteriormente submetidos à análise de conteúdo temática. A fundamentação teórica apoia-se em autores como Sacristán (1998), Moreira e Candau (2007), Roldão e Almeida (2018), Kenski (2007), Moran (2007) e Papert (1985, 2008). Os resultados apontam que os estudantes reconhecem tanto os benefícios quanto os riscos do uso dos celulares na escola, apresentando uma postura crítica ao identificarem o potencial do recurso como aliado pedagógico, desde que mediado por intencionalidade docente. Conclui-se que a proibição isolada não resolve os desafios impostos pelo uso dos dispositivos, sendo necessária uma implementação crítica e planejada das tecnologias digitais no currículo escolar, de forma a potencializar aprendizagens significativas e contextualizadas.

Palavras-chave: Currículo; Tecnologias educacionais; Educação básica; Práticas pedagógicas.

ABSTRACT

This undergraduate thesis addresses the use of smartphones in the school context and their implications for curricular practices in Elementary Education. The research problem consists in understanding how 6th- and 9th-grade students from a public school perceive the use—or restriction—of mobile phones at school, and how this situation affects their curricular experience. The general objective is to analyze students' perceptions regarding the use of cell phones in the school environment, investigating their impacts on the curricular experience. The study adopts a qualitative, exploratory, and descriptive methodology, conducted in a public school in the municipality of Alhandra/PB, with the participation of ten students, five from the 6th grade and five from the 9th grade. Data were collected through open-ended questionnaires and interviews, and subsequently examined through thematic content analysis. The theoretical framework is based on authors such as Sacristán (1998), Moreira and Candau (2007), Roldão and Almeida (2018), Kenski (2007), Moran (2007), and Papert (1985, 2008). The results indicate that students acknowledge both the benefits and risks of using mobile phones at school, adopting a critical stance by recognizing the potential of these devices as pedagogical tools when mediated by intentional teaching practices. The study concludes that prohibition alone is insufficient, highlighting the need for critical and planned integration of digital technologies into the school curriculum in order to foster meaningful and contextualized learning.

Keywords: Curriculum; Educational technologies; Basic education; Pedagogical practices.

LISTA DE SIGLAS

BNCC- Base Nacional Comum Curricular

LDB- Lei de Diretrizes e Bases

TIC - Tecnologias da Informação e Comunicação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
2. CAPÍTULO 2: EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA: INTERFACES ENTRE ESCOLAS, CURRÍCULO E CULTURA DIGITAL	16
2.1 A ESCOLA NA ERA DIGITAL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES	16
2.2 O CURRÍCULO ESCOLAR E SUAS MÚLTIPLAS DIMENSÕES	18
2.3 TECNOLOGIAS DIGITAIS E CULTURA JUVENIL	20
3. CAPÍTULO 3: METODOLOGIA	23
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	23
3.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA	23
3.3 COLETA E ANÁLISE DE DADOS	24
4. CAPÍTULO 4: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	26
4.1 PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES SOBRE O USO DOS CELULARES	26
4.2 RELAÇÕES ENTRE PRÁTICAS DIGITAIS E O CURRÍCULO ESCOLAR	28
4.3 SENTIDOS ATRIBUÍDOS À PROIBIÇÃO	31
4.4 TENSIONAMENTOS E SUGESTÕES DOS ESTUDANTES	33
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
6. REFERÊNCIAS	40
7. APÊNDICES	42

INTRODUÇÃO

A educação é reconhecida como um direito social permanente e fundamental, essencial para a formação integral do ser humano e para o exercício da cidadania. Nos termos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), “a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1996, art. 2º).

Nessa perspectiva, a educação assegura a todos os cidadãos o acesso a um processo formativo de qualidade, capaz de superar barreiras sociais, geográficas e temporais. Ao se constituir como um processo de relação entre o sujeito e o conhecimento, possibilita novas oportunidades e transformações significativas na vida das pessoas. Considerar a educação como direito social implica refletir sobre as transformações históricas e contemporâneas que incidem sobre o processo educativo, em especial o crescente uso das tecnologias. Assim, a integração entre educação e tecnologia potencializa a superação de desigualdades e a construção de uma sociedade mais justa, democrática e equitativa.

Kenski (2007) apresenta a tecnologia como “a totalidade de coisas que a engenhosidade do cérebro humano conseguiu criar em todas as épocas, suas formas de uso e suas aplicações” (KENSKI, 2007, p. 22), de forma que a tecnologia não apenas realiza mudanças nas formas de interação com o conhecimento, mas também aumenta o alcance e a eficiência das práticas pedagógicas. Dessa forma, implementar a tecnologia à educação potencializa o processo educativo, tornando-o mais dinâmico e conectado às reais necessidades dos estudantes. A relação entre educação e tecnologia, portanto, não deve ser vista como paralela ou dissociada, mas como uma simbiose capaz de transformar a aprendizagem em uma experiência mais significativa e contextualizada.

A presença das tecnologias nas práticas pedagógicas vem sendo vista como uma possibilidade de qualificar o processo de ensino e aprendizagem. Quando bem utilizadas, podem tornar a aprendizagem mais interativa e significativa, aproximando os conteúdos escolares do cotidiano dos estudantes. Os celulares, em especial os smartphones, fazem parte da vida diária da maioria da população e se consolidaram como ferramentas multifuncionais: despertam, localizam, informam, conectam e permitem compartilhar saberes. Na escola, poderiam se constituir em aliados no acesso ao conhecimento e na comunicação entre sujeitos, possibilitando novas formas de construção do saber. Entretanto, esse potencial é constantemente tensionado pelo fato de os aparelhos também serem vistos como elementos de

distração, além de estar relacionados a questão de saúde mental, tendo em vista que os smartphones podem ser utilizados como reprodutores de cyberbullying e outros elementos que podem afetar a saúde física do estudante, o que explica existência de proibições em muitos contextos escolares.

Essa contradição revela que o uso dos celulares no espaço educativo não pode ser compreendido apenas pelo aspecto técnico, mas envolve dimensões socioeconômicas, políticas, culturais e pedagógicas. Do ponto de vista socioeconômico, nem todos os estudantes têm as mesmas condições de acesso a dispositivos de qualidade ou à internet, o que pode ampliar desigualdades. Politicamente, a decisão de proibir ou liberar o uso do celular expressa escolhas institucionais e normativas que impactam diretamente a experiência escolar dos alunos. Culturalmente, os celulares refletem práticas contemporâneas de interação, comunicação e acesso à informação, de modo que ignorar sua presença pode afastar a escola da realidade vivida pelos estudantes. Já no campo pedagógico, quando usados de forma intencional, esses dispositivos podem favorecer a autonomia, a criatividade e o pensamento crítico, aproximando o currículo da vida cotidiana.

Nesse debate, é fundamental reconhecer o papel do currículo como organizador da prática pedagógica. Como destacam Roldão e Almeida (2018), o currículo corresponde ao conjunto de aprendizagens que a escola deve garantir, articulando-se às necessidades sociais, culturais e econômicas do presente e do futuro. Isso significa que o trabalho escolar não deve restringir-se à simples transmissão de saberes, mas considerar as experiências, as realidades e até mesmo as tensões que atravessam a vida dos estudantes — como a presença e o uso dos celulares em seu cotidiano. Assim, pensar o currículo implica também refletir sobre como a proibição ou o uso pedagógico do celular impacta a vivência escolar, influenciando a forma como os alunos percebem o aprender e constroem suas trajetórias formativas.

É necessário, contudo, assumir uma postura crítica diante do uso desses aparelhos na escola. Embora possuam potencial para enriquecer o processo educativo, eles também carregam riscos que vão desde a intensificação das desigualdades socioeconômicas até a reprodução acrítica de conteúdos disponíveis em redes sociais. O desafio está em não reduzir o debate a uma visão dicotômica entre “permitir” ou “proibir”, mas em construir caminhos pedagógicos que reconheçam a presença inegável dos celulares na vida dos estudantes e que saibam orientar seu uso para finalidades educativas. Dessa forma, a escola pode cumprir sua função de mediar saberes, formar cidadãos críticos e, ao mesmo tempo, dialogar com as práticas culturais contemporâneas.

A área tecnológica faz parte da realidade de muitos estudantes, principalmente os smartphones, estando presente em seu dia a dia como um elemento ajudador em sua rotina.

Levando em consideração esse feito, ela também está presente em ambientes educacionais, porém a integração dessas tecnologias não ocorrem de maneira uniforme, pois cada instituição de ensino possui sua autonomia para a construção do currículo, o que pode resultar em diferentes maneiras da tecnologia ser abordada, ou talvez nem seja abordada, pois ainda há um grande desafio no alinhamento do uso das tecnologias com a intencionalidade pedagógica. Além desse fator, há o fator econômico, a qual interfere diretamente no acesso a uma das principais ferramentas de informação, pode ser um grande dificultador para a inserção dos estudantes ao mundo tecnológico, fazendo com que nem todos os estudantes tenham acesso aos smartphones de boa qualidade, acesso a uma internet estável ou até mesmo condições de uso adequado, gerando desigualdade de oportunidades.

Levando em consideração a apresentação do currículo como elemento organizador do conjunto que aprendizagens necessárias, à educação digital e midiática deveriam fazer parte desta organização curricular, pois fazem parte da realidade social apresentada por todo o mundo, sendo necessário que haja essa inclusão para os celulares não sejam apenas utilizados para o consumo, mas também para uma produção crítica de conhecimento. A discussão sobre o uso dos smartphones ganhou ainda mais importância e visualização com a Lei sancionada em 13 de janeiro de 2025, a Lei 15.100/2025, que proíbe o uso de celulares e outros dispositivos eletrônicos nas escolas, exceto para fins pedagógicos, realizando a proibição dos celulares e outros aparelhos eletrônicos em ambiente escolar. Essa proibição levanta interesses e questionamentos sobre os limites e as possibilidades existentes para o uso da tecnologia no processo de ensino-aprendizagem, assim como para a implantação de uma educação digital no currículo escolar.

A relevância social desta pesquisa está diretamente relacionada à abordagem de uma problemática que incide sobre o cotidiano de muitas crianças e adolescentes: a relação entre o ambiente escolar e as tecnologias digitais, com ênfase no uso de celulares. Para muitos estudantes da rede pública, particularmente aqueles em situação de vulnerabilidade social, o telefone celular representa a principal ou a única forma de acesso à internet, à informação e a conteúdos pedagógicos. Ao considerar a percepção dos estudantes sobre essa medida, esta pesquisa pretende compreender de que modo uma Lei, cujo objetivo é promover um ambiente mais adequado à aprendizagem, pode ampliar a distância entre a escola e os repertórios culturais e comunicacionais dos sujeitos que nela estão inseridos. Sob o ponto de vista acadêmico, esta pesquisa está inserida em um campo atual e que há necessidade de debates acerca da temática, dialogando sobre o papel do currículo em meio às transformações tecnológicas presentes na vida dos estudantes.

A escolha desta temática se deu através de uma situação vivenciada em um dos meus

estágios, especificamente em sala de aula. Nesta vivência, anterior a proibição do uso de celulares no ambiente escolar, presenciei o alto nível de uso de celulares em sala de aula, onde toda atenção da aula apresentada pela docente foi dispersa, tendo em vista que os celulares estavam sendo utilizados para fins não pedagógicos. Automaticamente, ao vivenciar esta situação questionei-me se os estudantes conseguiam perceber os impactos em seus estudos mediante o alto índice de uso tecnológico em sala de aula, assim como se já teria ocorrido alguma tentativa de implementação dos aparelhos tecnológicos nas atividades pedagógicas, ou estavam sendo utilizados apenas para o consumo, desconsiderando a capacidade de produção crítica do conhecimento, tendo em vista que esses aparelhos se bem utilizados podem ser altos contribuintes para o crescimento do conhecimento do estudantes.

Muitos alunos estão tão acostumados com a tecnologia presente em quase todo o seu dia, que sequer percebem as consequências em sua vida, seja boa ou não, seja acadêmica ou não. Dessa forma, meu interesse em entender como os estudantes viam essas questões (se o celular atrapalha ou ajuda, como poderia ser utilizado, e suas opiniões sobre a temática) foi apenas aumentando, decidindo fazer desse interesse o meu trabalho de conclusão de curso.

Neste contexto, esta pesquisa se apoia em uma contribuição acadêmica, explorando novos espaços, mediante a existência de poucas pesquisas que abordem a relação entre os smartphones e o currículo escolar, haja vista que especificamente no cenário do município de Alhandra não foi encontrado nenhum trabalho. Desta forma, foi realizado um levantamento das produções acadêmicas existentes a nível de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), possuindo a temática de currículo e tecnologia, estando disponibilizados no repositório institucional da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). No processo de coleta de dados, utilizamos dois critérios: a presença de descritores, sendo utilizado: Currículo; tecnologia; adolescência; estando presente nos títulos, resumos das pesquisas e palavras-chaves, e a data de publicação estabelecida para até 5 (cinco) anos antes. Ao realizarmos o levantamento, foi encontrado apenas um único trabalho de conclusão de curso, o da egressa Noemi Leite Virgínio Cunha (2024), Do trabalho encontrado, o interesse da pesquisa esteve direcionada às políticas curriculares e sua relação com as tecnologias educacionais, realizando um estudo de caso no município de João Pessoa. Esta temática é muito atual, pois utiliza-se dos avanços das tecnologias digitais e suas relações com o currículo escolar.

Sendo assim, a relevância deste trabalho fundamenta-se na investigação de como os estudantes compreendem o uso dos celulares na escola e de que forma essa compreensão interfere em suas experiências com o currículo. A escolha por ouvir os estudantes justifica-se pelo fato de que, especialmente entre os mais jovens, os celulares estão incorporados ao

cotidiano como parte essencial de sua socialização, comunicação e acesso à informação. Ao trazer essas percepções para o debate, busca-se compreender como a presença ou a ausência, em função das proibições desse dispositivo impacta a relação dos alunos com os saberes escolares, revelando tensões entre o currículo prescrito e as práticas vividas no espaço escolar. Nesse sentido, o problema de pesquisa que orienta este estudo consiste em analisar: como os estudantes do 6º e do 9º anos do Ensino Fundamental de uma escola pública percebem o uso (ou a restrição do uso) dos celulares na escola e de que maneira essa situação afeta sua experiência curricular?

Para nortear a pesquisa, foi elaborado um objetivo geral, que se deu em compreender a percepção dos estudantes do 6º e 9º ano do Ensino Fundamental sobre o uso de celulares na escola, analisando suas consequências na experiência curricular. De maneira específica, pretendemos: investigar como os estudantes do 6º e 9º ano interpretam o uso dos celulares em sua rotina escolar; analisar quais sentidos os alunos atribuem ao uso de celulares como ferramenta de aprendizagem e participação no contexto escolar; refletir, a partir das vozes dos alunos, sobre as possibilidades de um currículo que integre criticamente as tecnologias digitais.

Adotamos um método de pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva, ocorrendo em uma escola pública de Ensino Fundamental, com foco em uma turma do 6º e 9º ano, composta por estudantes com idade entre 11 e 15 anos, utilizando-se de questionários abertos e entrevistas com os alunos.

O estudo é composto por quatro capítulos. No primeiro discorreremos sobre a escola na era digital, relações com o currículo, tecnologias e desigualdades sociais. No segundo, apresentaremos e detalharemos a metodologia utilizada para esta pesquisa, seguindo com um capítulo para análise e discussão dos resultados, finalizando com as considerações finais.

CAPÍTULO 2: EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA: INTERFACES ENTRE ESCOLAS, CURRÍCULO E CULTURA DIGITAL

2.1 A ESCOLA NA ERA DIGITAL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

A nova era digital é um marco histórico e tecnológico, trazendo revoluções e impactando os ambientes, os modos de vida e trazendo uma integração significativa em nosso cotidiano. Ao mesmo tempo em que a nova era digital de certa forma democratizou o conhecimento, ela também formula um novo desafio para a sociedade, o de ter responsabilidade com as informações e conteúdos acessados, sendo os maiores usuários dessa tecnologia os jovens, consequentemente frequentadores do ambiente escolar por serem estudantes.

A escola é um ambiente que permite o desenvolvimento dos seres humanos como sujeitos, seres críticos e sua identidade, atuando diretamente na formação de cada indivíduo. Entretanto, devido a adesão dos estudantes as novas tecnologias tem estado presente com força significativa nas instituições de ensino. Dessa forma, é necessário analisar se há e como tem acontecido a implementação das tecnologias nas práticas curriculares mediante o direcionamento do currículo escolar. Para Sancho (1988, p. 41):

O ritmo acelerado de inovações tecnológicas exige um sistema educacional capaz de estimular nos estudantes o interesse pela aprendizagem. E que esse interesse diante de novos conhecimentos e técnicas seja mantido ao longo da sua vida profissional, que, provavelmente, tenderá a se realizar em áreas diversas de uma atividade produtiva cada vez mais sujeita ao impacto das novas tecnologias. (SANCHO, 1998, p. 41.).

A reflexão de Sancho evidencia a necessidade de a escola acompanhar o ritmo das transformações tecnológicas para manter o interesse dos estudantes pelo aprendizado. Contudo, é fundamental destacar que a mera presença de dispositivos digitais no ambiente escolar não garante a efetividade da aprendizagem. Muitos alunos estão habituados ao uso constante de celulares e computadores fora da escola, mas essa familiaridade nem sempre se traduz em compreensão ou engajamento. Por isso, o uso das tecnologias precisa ser planejado e mediado, pedagogicamente, de modo que se articule aos conteúdos curriculares e contribua para uma aprendizagem significativa.

Os avanços tecnológicos têm provocado mudanças na forma de aprendizagem, de se comunicar e de produzir. Nesse sentido, a educação deve estar articulada com a preparação dos indivíduos, incluindo para o mercado de trabalho, sendo a era digital também uma fonte de aprendizagem. Entretanto, esses avanços tecnológicos podem nos possibilitar desafios e possibilidades, e esses desafios também se apresentam também no cotidiano escolar, tendo em

vista que a desigualdade social impossibilita que todos os estudantes tenham acesso aos dispositivos digitais, uma internet de qualidade e também um ambiente adequado para o estudo. Além dessa problemática, há outro quesito relevante:

“[...] a escola de hoje precisa propor respostas educativas e metodológicas em relação a novas exigências de formação postas pelas realidades contemporâneas como a capacitação tecnológica, a diversidade cultural, a alfabetização tecnológica. (LIBÂNEO, 2001, p. 80)

Para que as novas tecnologias sejam utilizadas com a devida intencionalidade pedagógica e utilizada de maneira que venha a contribuir com o processo de ensino, é de extrema importância que os docentes participem por formações que possibilitem a preparação para a utilizar a tecnologia de forma pedagógica, impedindo que o mau uso dos meios digitais cause a dispersão dos estudos, pois a era digital ao mesmo tempo que fornece um leque de possibilidades de aprendizado rápido e significativo, ele também é capaz de dispersar a atenção, ou até mesmo apresentar conhecimentos que não são verídicos, sendo necessário possuir um senso crítico para analisar a veracidade dos conceitos fornecidos.

As novas tecnologias de comunicação (TICs), sobretudo a televisão e o computador, movimentaram a educação e provocaram novas mediações entre a abordagem do professor, a compreensão do aluno e o conteúdo veiculado. A imagem, o som e o movimento oferecem informações mais realistas em relação ao que está sendo ensinado. Quando bem utilizadas, provocam a alteração dos comportamentos de professores e alunos, levando-os ao melhor conhecimento e maior aprofundamento do conteúdo estudado. (KENSKI, 2007, p. 45.)

Os elementos tecnológicos vão muito além de simples recursos didáticos. Presentes no cotidiano dos estudantes, eles oferecem ferramentas capazes de tornar a aprendizagem mais significativa, especialmente por meio de recursos visuais, sonoros e em movimento, que atraem a atenção e mantêm o engajamento durante o estudo. Esses recursos permitem explorar conteúdos de maneira mais dinâmica, estimulando a participação ativa dos alunos e favorecendo a compreensão de diferentes temáticas escolares. Além disso, as tecnologias possibilitam aos professores experimentar novas abordagens pedagógicas, tornando o ensino mais interativo e adaptado às necessidades e experiências dos estudantes, e contribuindo para a construção de aprendizagens mais profundas e duradouras.

2.2 O CURRÍCULO ESCOLAR E SUAS MÚLTIPLAS DIMENSÕES

O currículo escolar possui diversos conceitos, apresentados por inúmeros autores,

entretanto, ele é apresentado como um elemento essencial para o funcionamento da instituição escolar, ele vai muito além da apresentação dos conteúdos necessários a serem trabalhados em cada ano escolar, ele apresenta as características que guiam o funcionamento da instituição e suas práticas pedagógicas. Considerando que cada instituição possui seu próprio currículo, cada um possui suas singularidades, apresentando os elementos considerados fundamentais para a escola.

Diferentes fatores sócio-econômicos, políticos e culturais contribuem, assim, para que currículo venha a ser entendido como: (a) os conteúdos a serem ensinados e aprendidos; (b) as experiências de aprendizagem escolares a serem vividas pelos alunos; (c) os planos pedagógicos elaborados por professores, escolas e sistemas educacionais; os objetivos a serem alcançados por meio do processo de ensino; (e) os processos de avaliação que terminam por influir nos conteúdos e nos procedimentos selecionados nos diferentes graus da escolarização. (MOREIRA, CANDAU, 2007, p. 18.).

Dessa maneira, Moreira e Candau (2007) apresentam elementos essenciais e obrigatórios para a construção do currículo e o bom desenvolvimento do processo educativo, pois “currículo associa-se, ao conjunto de esforços pedagógicos desenvolvidos com intenções educativas”. Esta abordagem é ampliada ao compreender que o currículo não é apenas um documento prescritivo, mas apresenta também orientações, regulações, medidas e condições que indicam como o processo educativo deve acontecer. Além disso, fatores como desigualdade social, políticas públicas educacionais, culturas juvenis, acesso (ou a inexistência dele) às tecnologias, todos esses elementos devem estar presentes na existência de currículo que apresenta a realidade da sociedade.

A prática a que se refere o currículo, no entanto, é uma realidade prévia muito bem estabelecida através de comportamentos didáticos, políticos, administrativos, econômicos, etc., atrás dos quais se encobrem muitos pressupostos, teoria parciais, esquemas de racionalidade, crenças, valores, etc. (SACRISTÁN, 1998. p. 13)

Em sua obra, Sacristán (1998) apresenta o currículo como um documento que articula a formalidade e a realidade apresentada e vivenciada pela sociedade, considerando os valores, crenças e elementos culturais. Sacristán nos convida a atentarmos aos elementos muitas vezes inviabilizados e até mesmo naturalizados, presentes no conjunto do currículo escolar, pois ele também sobre impacto dos marcos históricos, culturais e políticos, influenciando diretamente nas práticas pedagógicas abordadas em sala de aula.

Nessa visão, o currículo envolve todos os agentes operantes no setor educacional, utilizando diversas visões de mundo, vindo a atuar de maneira includente ou excludente com

alguns conhecimentos e culturas, trabalhando diretamente na construção da identidade do ser humano. Devemos reconhecer que por trás de conteúdos e métodos apresentados previamente, existem elementos que devem ser debatidos, construídos e desconstruídos, atendendo a demanda da sociedade, e praticando uma educação justa e equitativa.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento normativo que estabelece as aprendizagens essenciais que todos os estudantes da educação básica devem desenvolver (Brasil, 2017). Ela define direitos de aprendizagem, competências e habilidades que orientam a organização dos currículos das escolas. Nesse contexto, a BNCC reconhece a importância das tecnologias no processo educativo, incluindo a temática das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) em seus eixos estruturantes. O documento destaca que o uso dessas tecnologias deve contribuir para a construção de uma aprendizagem significativa, considerando a realidade digital em que os jovens estão inseridos, e favorecer o desenvolvimento integral dos alunos. Entretanto, a simples utilização de recursos tecnológicos não é suficiente: é necessário que seu uso seja orientado por intencionalidade pedagógica, evitando que se transforme em elemento de distração ou dificultador do processo de ensino-aprendizagem.

Entretanto, vale ressaltar a necessidade do currículo escolar dialogar com o mundo real dos estudantes, e nesse mundo real os meios tecnológicos estão inclusos. Os adolescentes utilizam a tecnologia em grande parte do seu dia, como fonte de informação, meio de comunicação e acesso às mídias digitais, onde há grande expressividade, sendo os estudantes produtores de uma cultura digital, que perpassa entre eles, sempre alcançando os outros. Ao utilizar as mídias digitais, como por exemplo o Instagram e o Tiktok, os adolescentes são bombardeados por inúmeras informações, que nem sempre possuem a veracidade dos fatos, mas sobretudo, essas mídias servem para comunicação e aprendizado, utilizando-se de formas de expressão específicas.

Os estudantes do 6º ano, geralmente com cerca de 11 anos, passam por uma transição significativa ao ingressar na segunda fase do Ensino Fundamental. Muitos chegam de outras escolas, enfrentando mudanças como novos professores, colegas, currículo e rotina escolar. Essa fase da vida também coincide com a inserção mais intensa no universo digital: jogos em smartphones, redes sociais e outros recursos tecnológicos já fazem parte de seu cotidiano e de suas formas de sociabilidade. Quando a escola não consegue integrar essas tecnologias de forma intencional ao currículo, cria-se um descompasso entre a realidade dos alunos e as práticas pedagógicas. Nesse sentido, o uso inadequado ou proibido de aparelhos pode gerar desmotivação, afastamento e sensação de frustração, pois os estudantes percebem a ausência

de um recurso que, fora da escola, é central para suas interações e aprendizado informal.

Essa transição não envolve apenas adaptação a um novo espaço físico e social, mas também a uma nova maneira de aprender. A chegada a um ambiente escolar que ignora ou limita o uso dos aparelhos digitais pode provocar insegurança e retraimento, tornando a aprendizagem mais difícil e menos envolvente. Além disso, o uso desordenado ou excessivo dos dispositivos, sem mediação pedagógica, também representa um desafio: pode dispersar a atenção, reduzir a capacidade de reflexão crítica e favorecer práticas de consumo superficial de informação. Assim, a escola enfrenta um duplo desafio: integrar as tecnologias de maneira intencional e pedagógica para valorizar a aprendizagem, ao mesmo tempo em que regula seu uso para evitar que se torne um fator de dispersão e obstáculo à construção de conhecimentos significativos.

2.3 TECNOLOGIAS DIGITAIS E CULTURA JUVENIL

O uso dos telefones em sala de aula está sendo um tema de debate muito frequente entre os pais, a comunidade escolar e legisladores. O crescimento da presença dos celulares no ambiente educativo tem levantado questionamentos sobre os impactos ocorridos no processo educativo, na socialização, e nos comportamentos da sociedade. Devido a preocupações, surgiram políticas públicas que regulamentam o uso do celular no ambiente escolar, ou até mesmo a proibição desse uso. O autor Gómez (2015), diz em sua obra que

Quando a criança tem acesso ilimitado a uma quantidade de informações fragmentadas, que vão além de sua capacidade de organização em esquemas compreensivos, ela dispersa sua atenção e satura sua memória. (GÓMEZ, 2015. p. 360)

A afirmação de Gómez nos apresenta alguns riscos da utilização dos celulares de forma indisciplinada. Com o alto uso das telas digitais, os discentes possuem um alto acesso às informações, e as imagens, descarregando sobre eles uma sobrecarga cognitiva, fazendo com que eles enfrentem dificuldades relacionadas à atenção e sua memória. O consumo das informações não deve impedir o desenvolvimento do raciocínio lógico, mas sim fortalecer o conhecimento, o desenvolvimento cognitivo, e o senso crítico.

A dispersão causada pelo grande acesso às redes tecnológicas é um dos principais motivos para a proibição do uso dos smartphones, pois afasta toda a atenção dos estudantes, levando-os a não compreender conteúdos ofertados em sala de aula, levando à queda do rendimento escolar. Além disso, como citado anteriormente, a socialização também pode ser

afetada, principalmente devido ao uso recorrente dos celulares para se comunicar com o próximo, dificultando a interação social, reduzindo as oportunidades de convivência e a construção coletiva do conhecimento.

A Lei nº 15.100, sancionada em 13 de janeiro de 2025, regulamenta o uso dos aparelhos eletrônicos em sala de aula, seja por estudantes da escola pública ou das escolas privadas. Esta Lei proíbe o uso dos aparelhos portáteis (smartphones, tablets, etc.) nos ambientes escolares, seja em sala de aula ou em outras dependências da escola, até mesmo no horário do intervalo, sendo essa Lei aplicada para todas as etapas da Educação Básica (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio).

O surgimento dessa Lei tem como o objetivo a redução das distrações enfrentadas pelos estudantes, e até mesmo o cyberbullying e impactos negativos na saúde mental de cada estudante. Entretanto, há momentos em que a utilização do celular é concedida, especificamente para as práticas educativas (apenas para as atividades escolares e com supervisão do docente), para uso das tecnologias assistivas e necessidades urgentes.

O município de Alhandra, no estado da Paraíba, adota para as suas instituições de ensino a Lei nº 15.100/2025. Especificamente na instituição E.M.E.F João Francisco de Lima, situada no distrito de Mata Redonda, recomenda-se que os aparelhos tecnológicos sejam deixados em sua residência, para que os alunos não utilizem nas dependências escolares, destinando sua atenção apenas ao aprendizado em sala de aula.

Essa proibição permite que os estudantes não sejam afetados por fatores externos durante o processo de ensino, evitando distrações e práticas desfavoráveis a produção do conhecimento, tendo em vista que a forte utilização dos smartphones foram agentes contribuintes para o aumento das dificuldades de gestão em sala de aula enfrentadas pelos docentes, pois os alunos não interessavam-se aos conteúdos abordados, passando as aulas inteiras utilizando os celulares, conversando entre si, dispersando a si e aos colegas de sala, ocasionando em reduções nas notas escolares. Através do uso dos smartphones, ocorre também o cyberbullying, onde o bullying é realizado de maneira virtual, sendo exposto a toda sociedade. Com a proibição dos celulares, espera-se também a redução da prática do cyberbullying, a qual utilizava-se da exposição de fatos e imagens ocorridas na instituição de ensino.

Entretanto, mesmo que a proibição tenha a intenção de obter apenas vantagens, ela também oferece riscos e limitações, se aplicada de forma generalizada e sem diálogo pedagógico. Como citado anteriormente, o uso dos celulares pode ocorrer se direcionado e supervisionado pelos docentes, possuindo planejamento, critérios e uma intencionalidade

pedagógica, pois os celulares também podem ser um grande contribuinte para o processo educativo, se utilizado da maneira correta. Ao utilizar em sala de aula, eles podem ofertar novos recursos didáticos, como por exemplo um vídeo, imagens, filmes, etc. fugindo do tão utilizado ensino tradicional, onde muitos professores utilizam-se da prática da escrita na lousa, atividade e leitura durante todos os dias letivos, sendo ela a principal detentora do conhecimento e os alunos meros receptores.

Ao discutir a proibição dos smartphones nas escolas, é necessário considerar e refletir a respeito do contexto social dos estudantes, pois ainda há entre a população brasileira grandes desigualdades socioeconômicas, sendo o celular não um elemento de distração ou comunicação, mas o único meio disponível para acessar conteúdos educativos. Durante a pandemia do COVID-19, este fato se tornou mais evidente, pois estudos como o Censo Escolar mostraram que a grande maioria dos estudantes de baixa renda não possuem um computador em casa, apenas os celulares, que foram utilizados para tentar acompanhar os conteúdos escolares, comunicar-se com os professores e realizar suas atividades.

Ao implementar essa proibição de maneira generalizada, pode estar sendo enfatizado essas dificuldades socioeconômicas, pois está sendo impedido que os alunos mais pobres tenham acesso às práticas pedagógicas adaptadas às necessidades e desafios do mundo atual. Além disso, os celulares podem ser contribuintes para o processo da inclusão, se utilizados de maneira correta, com intencionalidade pedagógica. Os celulares podem ser utilizados para gravar video-aulas, utilizar atividades interativas, usar aplicativos que auxiliem nas atividades e acessar textos digitais. A BNCC ressalta a importância do letramento digital, de modo que prepare os estudantes para o uso das tecnologias, não podendo ser negado aos estudantes em situação de vulnerabilidade social a possibilidade de desenvolver competências necessárias às atividades exercidas neste século XXI.

Dessa maneira, percebemos que as discussões relacionadas a proibição ou a utilização de maneira pedagógica dos celulares não está desarticulada da realidade concreta e das experiências dos alunos. É entendível que os celulares podem se tornar recursos pedagógicos contribuintes para o desenvolvimento do aprendizado, desde que seja utilizado de forma intencional e planejada. Dessa forma, a escolha da realização de uma pesquisa qualitativa permite-nos compreender as percepções, sentidos e interpretações dos próprios estudantes acerca dessa realidade, abrindo espaço para que sejam evidenciados os tensionamentos, possibilidades e sugestões atribuídas ao uso dos celulares.

CAPÍTULO 3: METODOLOGIA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

No desenvolvimento da pesquisa, optou-se por uma pesquisa fundamentada em uma pesquisa qualitativa, centrada na compreensão detalhada e análise aprofundada. A abordagem qualitativa é compreendida por Creswell (2010, p. 43) como “um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano.”, sendo ela um elemento para realizar investigações com profundidade, abrindo espaços para inúmeras interpretações, de modo que suas respostas sejam compreendidas. O centro da abordagem qualitativa são os sentidos, as percepções e as interpretações, de modo que considere as formas que os indivíduos vêem e interpretam a realidade.

Essa pesquisa se caracteriza como uma pesquisa de campo, Severino (2014, p. 107) apresenta e detalha sobre a pesquisa de campo:

Na pesquisa de campo, o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta dos dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador. (SEVERINO, 2014, p.107)

Dessa forma, o pesquisador dirige-se até o local da pesquisa e permite-se captar as interações, situações sociais e humanas. A pesquisa de campo possibilita que o pesquisador tenha contato direto e tenha acesso a realidade social em toda a sua complexidade, captando aspectos subjetivos e opiniões.

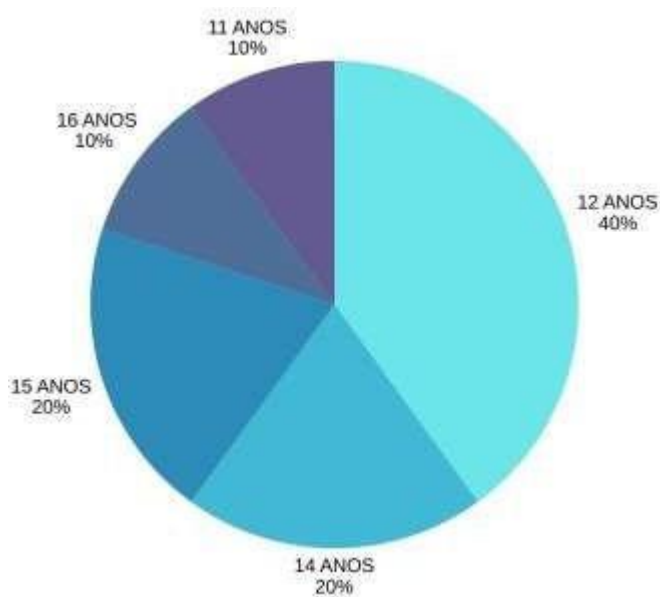
3.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA

A instituição de ensino escolhida para a realização desta pesquisa está localizada no município de Alhandra/PB, especificamente no bairro de Mata Redonda, tendo por nome Escola Municipal João Francisco de Lima. A escola atende os estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais, funcionando em turmas regulares do 6º ao 9º ano com cerca de 35 alunos em cada turma, atendendo também durante a noite as turmas de EJA (Educação de Jovens e Adultos) onde os estudantes residem na própria localidade ou em sítios localizados ao redor (a qual fazem uso de transporte público para a chegada até a instituição). A instituição conta com uma equipe multidisciplinar composta por psicóloga, psicopedagoga, auxiliares de reforço, educadores, etc., que sempre realizam um planejamento mensal, de modo que venham ser pensados práticas pedagógicas que possam auxiliar e melhorar o aprendizado dos

estudantes, tal como também reuniões de conselho de classe para compreender e buscar soluções que atendam as necessidades apresentadas pelos estudantes.

O público-alvo desta pesquisa foram os estudantes, onde participaram desta pesquisa um total de 10 estudantes, sendo 5 estudantes de uma turma de 6º ano, tendo eles em média 12 ou 13 anos, enquanto os outros 5 estudantes são de uma turma de 9º ano, tendo em média entre 14 e 16 anos. Esta turmas foram escolhidas para que possamos compreender melhor como os estudantes recém chegados ao anos finais do ensino fundamental percebem os impactos dos celulares sob seus aprendizados, assim como também para compreender os que estarão saindo dos anos finais do ensino fundamental para o ensino médio, nos auxiliando a interpretar as opiniões de ambas as idades, identificando a perspectiva de cada um, analisando se há convergências e divergências entre elas. Para maior entendimento de quem serão os estudantes a serem mencionados, usaremos A para os estudantes do 6º ano, e B para os estudantes do 9º ano.

Com o objetivo de obter mais um dado sobre os estudantes e de forma exata, especificamente a respeito da idade, conforme conseguimos obter:



FONTE: autora.

3.3 COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Como instrumento para essa pesquisa foi utilizado um questionário aberto mediante um roteiro de perguntas apresentado nos apêndices, pensando no melhor conforto dos estudantes em responder as perguntas de modo que não fossem identificados, tendo como

únicas informações pessoais a serem utilizadas a sua idade e sua série escolar. Esse instrumento de pesquisa também foi escolhido por permitir que os entrevistados dissertarem sobre suas opiniões, de modo que se sentissem acolhidos para abordarem suas respostas sem maior influência ou empecilho. Através de suas participações e respostas, abordaremos a seguir com uma análise temática.

Para a realização dessa pesquisa também foram utilizados dois termos, assegurando a ética para a realização deste trabalho. Os termos utilizados foram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).

A partir das informações obtidas na construção metodológica da pesquisa, seguimos com uma análise de conteúdo temática referente ao questionário aplicado aos estudantes. A finalidade desta análise é identificar as categorias que revelem as percepções, tensões e sentidos atribuídos a proibição dos celulares e a vivência curricular. O questionário (apêndice A) foi destinado aos estudantes das turmas de 6º e 9º ano dos anos finais do ensino fundamental. O fim da pesquisa realizada em diferentes séries de ensino se deu para compreender o uso das tecnologias pelos estudantes e suas relações com as práticas de ensino. Para maior entendimento de quem serão os estudantes a serem mencionados, usaremos A para os estudantes do 6º ano, e B para os estudantes do 9º ano.

CAPÍTULO 4: ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

4.1 PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES SOBRE O USO DOS CELULARES

Os smartphones, enquanto recurso tecnológico, é um meio bem presente no cotidiano, principalmente entre os adolescentes e estudantes. Com sua capacidade de produzir inúmeras funções, ele deixou de ser utilizado apenas para meios comunicativos, assumindo também um papel informativo, organizacional e produtor de aprendizagens. Dessa forma, compreender as percepções desses estudantes sobre o uso dos celulares é importante para que possamos entender os impactos dessa tecnologia no processo educativo, e nas relações sociais que devem ser estabelecidas, seja dentro ou fora da escola.

Durante a realização do questionário, pôde-se perceber que as opiniões dos estudantes A e B transitam entre duas opiniões: alguns percebem o smartphone como um ajudante aos seus estudos, possibilitando um rápido acesso a inúmeros conhecimentos, enquanto alguns outros alunos percebem os smartphones como distrações desse processo de aprendizagem, sendo ele um dificultador desse processo, pois o seu uso pode causar desatenção e diminuição do foco durante a realização dessas atividades escolares.

Não consigo me concentrar nos estudos enquanto utilizo o celular, por mais que ele me ajude a responder minhas dúvidas e aprender novas coisas, ele me distrai bastante. Muitas vezes essa distração é causada pelos aplicativos de conversa, onde chegam várias notificações, e também os aplicativos de vídeos, como por exemplo, o Tiktok.
(ALUNO DO GRUPO A)

A resposta do estudante do Grupo A deixa em evidência a ambiguidade que os smartphones podem causar no seu uso nos contextos educacionais. A percepção do estudante condiz com uma realidade bastante frequente, onde o celular é visto ao mesmo tempo como elemento auxiliar e recurso de aprendizagem, e ao mesmo tempo como um recurso de dispersão. Por outro lado, mesmo que o estudante destaque o celular como recurso de dispersão, ele também destaca o auxílio que o celular lhe traz na obtenção de respostas para as suas dúvidas e em sua busca por novos conhecimentos a serem adquiridos, revelando o potencial pedagógico que o celular é capaz de fornecer.

“Eu não sei dizer se o uso do celular é algo bom ou ruim, porque ele tanto ajuda a aprender mais coisas, como também atrapalha o nosso aprendizado. Eu acredito que depende muito da forma que a pessoa decide usar ele.” (ALUNO DO GRUPO B)

A fala do estudante do Grupo B também ressalta a ambiguidade acerca do uso do celular, pois ao mesmo tempo que ele é um ótimo contribuinte para o desenvolvimento das potencialidades e aprendizagens, ele pode ser um elemento agravador das dificuldades de aprendizado. Percebemos que o resultado a ser obtido mediante o uso dos smartphones, está associado diretamente ao modo que quem está utilizando escolhe utilizá-lo.

O celular apresenta aos estudantes diversas potencialidades e recursos pedagógicos: aplicativos de cunho educativo, plataformas que podem ser utilizadas de maneira remota, dicionários digitais e de fácil acesso, assim como também tem as redes sociais, que se bem utilizadas podem ser utilizadas como instrumento produtor de conhecimento, se forem bem utilizadas.

“Eu tento evitar ao máximo o uso dos celulares durante o dia a dia, pois sinto que ele me influencia em muitas coisas, inclusive na escola. Costumamos usar muito as redes sociais, mas elas também servem de distração, porque geralmente conversamos muito sobre o que vemos nela, principalmente fofocas de famosos, e acabamos perdendo os conteúdos das aulas. Mas, algumas poucas vezes, as redes sociais sugerem alguma curiosidade, que acaba se encaixando em um novo conhecimento a ser aprendido.” (ALUNO DO GRUPO B)

Nesta fala, podemos compreender que a percepção do aluno do Grupo B apresenta uma postura que revela criticidade no conteúdo a ser consumido pelos estudantes, inclusive o uso das redes sociais. Ao reconhecer que os conteúdos digitais possuem influência no aprendizado, sendo um dos principais resultados dessa influência a distração, o estudante apresenta uma das principais dificuldades enfrentadas pelos estudantes: lidar com as inúmeras informações disponíveis para eles e fazer uma seleção do que é importante para o processo de aprendizagem. Os pesquisadores Ophir, Nass e Wagner (2009) apresentam em seus estudos que os indivíduos que apresentam continuamente a sua atenção direcionada a vários estímulos digitais ao mesmo tempo, apresentam maiores dificuldades para manter o foco em atividades que exigem mais do cognitivo, podendo comprometer o desempenho escolar.

Papert (1985) apresenta em sua obra um pensamento referente ao uso dos computadores pelas crianças e adolescentes, que podemos aplicá-lo também nestas circunstâncias. Para ele, as crianças e adolescentes não devem utilizá-lo como uma mera ferramenta, muito menos que os computadores os ensinassem, mas sim que as crianças e adolescentes programassem o computador, sendo o aluno um sujeito ativo do processo de aprendizagem. Aplicando esta perspectiva ao uso dos celulares, é perceptível que o seu potencial pedagógico é ampliado quando o aluno o utiliza com criticidade e criativa,

selecionando os conteúdos a serem acessados, realizando atividades estimulantes para o seu raciocínio e senso crítico, não limitando-se a um uso indiferente, voltado apenas para comunicação, socialização e entretenimento. Alinhando este pensamento à proposta de Papert (2008), o dispositivo deve-se tornar uma extensão do processo de aprendizagem, sendo necessária a implantação de propostas pedagógicas em que os smartphones tenham funções a serem realizadas, além de causar distrações.

4.1 RELAÇÕES ENTRE AS PRÁTICAS DIGITAIS E O CURRÍCULO ESCOLAR

As tecnologias digitais vêm sofrendo com diversos avanços, causando transformações na sociedade atual, conseqüentemente a área educacional não pode permanecer alheia a todas as mudanças ocorridas. Essas tecnologias digitais possibilitam novas formas de aprender e ensinar, realizando ampliações nos recursos pedagógicos e no currículo. Nesse sentido, os recursos digitais tornam-se elementos de inovação contribuintes para a formação dos estudantes, apresentando também competências relacionadas à cidadania digital. Para Roldão e Almeida (2018),

“Pensar historicamente o currículo e a escola implica assim tomar consciência da mutabilidade da realidade com que lidamos e abandonar uma visão estática e irrealista das instituições e das suas funções - como se elas existissem desde sempre e permanecessem confortavelmente imutáveis, tal como nos habituamos a vê-las.” (ROLDÃO; ALMEIDA, 2018, p. 8).

O currículo escolar e as práticas pedagógicas não devem seguir estruturas fixas, mas sim levar em consideração as construções sociais, históricas e culturais, atendendo a necessidade do tempo presente. Dessa forma, as práticas digitais estão incluídas nessas mudanças sociais, sendo ampliado diante a existências das tecnologias digitais. Ao implementar os recursos digitais, o currículo dialoga em um contato mais direto com as vivências da realidade de cada aluno, presente pelo acesso diário às tecnologias.

Logo, a instituição de ensino passa a acompanhar as transformações vivenciadas pela sociedade, reafirmando o seu objetivo de preparar os alunos para o mundo em que vivem. Dessa forma, o currículo não deve ser compreendido apenas como uma lista de conteúdos a serem seguidos para cumprir com a obrigação, mas como um conjunto de conhecimentos em constante atualização, utilizando-se de interações entre os conhecimentos, tecnologia e

sociedade, reconhecendo essas mudanças como essenciais para assegurar as inovações tecnológicas alinhados a formação dos estudantes.

A inserção de aulas mais interativas mediadas pelas tecnologias digitais é uma das relações que mais apresentam essa união que pode deve ser feita entre o currículo e as tecnologias. A utilização desses meios digitais permite um uso diferente de metodologias, deixando um pouco de lado a metodologia tradicional que é focada na transmissão de conteúdos, pois os recursos tecnológicos possibilitam que os alunos tenham uma maior participação durante a aula, assim como também no desenvolvimento da criticidade.

Alguns exemplos de elementos a serem utilizados são os jogos educativos, quizzes on- line, e vídeos interativos, favorecendo o engajamento dos estudantes e construindo uma aprendizagem de forma significativa, de modo que venha a se tornar um currículo adaptável a distintos tipos de aprendizagem.

Ao questionar os alunos sobre a opinião deles a respeito da utilização desses elementos (jogos, vídeos, etc.) mediante o uso dos celulares, obtive dois tipos de respostas, sendo uma de cunho positivo, e outra de cunho negativo.

“Deveria ter o uso de jogos nas aulas, e também o uso de vídeos, porque seria bem mais fácil de entender o assunto. Além disso, as aulas seriam mais diferentes, não seria tão parada e desinteressante como é quando o professor passa a aula toda falando, no fim, ninguém presta tanta atenção porque nem podemos falar. Acredito que ajudaria com a interação e atenção dos alunos, deixaria a aula mais legal.”
(ALUNO DO GRUPO A)

Esta percepção apresentada por este aluno ressalta a necessidade da inserção de elementos que permitam a interação dos alunos durante as aulas, possibilitando uma participação ativa dos estudantes, permitindo que eles tenham a chance de realizar uma construção do conhecimento de forma efetiva. O estudante alega que o método tradicional utilizado pelos professores deixam as aulas desinteressantes e monótonas, causando desatenção dos alunos por não ter elementos interativos.

“Eu costumo usar bastante o celular para acessar o Google e o Youtube, para fazer as pesquisas e assistir vídeos que me façam entender melhor o assunto que não entendi nas aulas.” (ALUNO DO GRUPO B)

A utilização desses recursos digitais seriam meios que poderiam possibilitar a mudança dessas questões apresentadas. O Guia sobre o uso de dispositivos digitais (Brasil, 2025) criado e fornecido pelo Governo Federal, apresenta que os jogos podem ser reconhecidos

como ferramentas educacionais, sendo válido considerar utilizá-los, pois eles ajudam no desenvolvimento das habilidades cognitivas, assim como também possibilita a interação de forma lúdica, onde é possível desenvolver algumas habilidades, como planejamento, pensamentos estratégicos e tomada de decisões.

Os jogos podem ser um espaço onde a aprendizagem ocorra de forma experimental, fazendo com que o erro não seja uma circunstância categorizante, mas um caminho para a obtenção do sucesso do aprendizado. Além disso, eles são capazes de auxiliar nas resoluções de problemas, o engajamento entre os alunos, e sua colaboração. Entretanto, há alunos que possuem uma opinião contrária:

“Não acho que seja tão interessante o uso de jogos e vídeos durante a aula. Os assuntos no quadro não nos deixam perder a concentração, e ainda podemos usar o caderno para estudar em casa, deixando o celular de lado e a distração que ele causa. Mas, se fosse pra ser utilizado, teria que ser pra ajudar de verdade os nossos estudos, porque muitos colegas usaram o celular de qualquer forma e para outras coisas.” (ALUNO DO GRUPO B)

O aluno apresenta uma percepção na qual ele acredita que o uso de jogos e vídeos mediante o uso de celulares venha a atrapalhar o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, pois os estudantes utilizam o celular para outras funções, causando distrações do foco da aula, devido a possibilidade de distrações. Kenski (2007) apresenta que cabe à escola desenvolver práticas pedagógicas que ajudem os alunos no filtro das informações, de modo que o uso dos aparelhos tecnológicos venham se tornar aliadas e não fontes de dispersão.

Sendo assim, é necessário que ao decidir implementar os recursos tecnológicos em suas aulas, os professores devem utilizá-los com intencionalidade pedagógica, de modo que os estudantes não venham a ficar com espaços vagos para fazerem o uso do celular de forma inadequada, vindo a fugir do foco. O Guia sobre o uso de dispositivos digitais (Brasil, 2025) também apresenta contribuições sobre a necessidade da existência de uma intencionalidade pedagógica, apontando a necessidade de que os professores saibam fazer o uso dos celulares de forma segura e crítica, promovendo de forma adequada a utilização do mesmo para facilitar o aprendizado.

O uso dos celulares possibilita também o auxílio com as atividades escolares, sejam eles trabalhos avaliativos ou deveres de casa, assim como auxilia em suas dúvidas. Todo esse auxílio amplia os espaços e tempos de construção de aprendizagem para além de uma sala de aula, pois há espaços que podem ser utilizados para aula, tutoriais em vídeos e aplicativos de cunho educativo, oferecendo aos estudantes a oportunidade de aprofundar seus conhecimentos.

Os estudantes participantes do grupo A e do grupo B relatam que utilizam os smartphones para as suas pesquisas escolares, buscando explicações sobre conteúdos vistos em sala de aula, buscando resumos e imagens para facilitar o aprendizado, quando apenas os textos não são suficientes para oferecer todo o entendimento. Ressaltam também a importância dos smartphones nas resoluções dos trabalhos escolares, tendo em vista que nem todos residem perto para irem até a residência do colega para realizarem a atividade escolar, sendo extremamente necessário um meio de comunicação entre os integrantes do trabalho para que o trabalho seja realizado.

Dessa forma, podemos entender que se o uso dos smartphone ocorrer de forma adequada, ele pode ajudar os estudantes em mais de uma área: no desenvolvimento da autonomia dos estudantes, considerando que os alunos se organizam com estratégias que sejam positivas para o seu aprendizado.

Nesse sentido, ressalta-se que a inserção das práticas digitais no currículo escolar devem ocorrer após uma reflexão acerca da forma a qual essas práticas podem vir a contribuir para a formação dos estudantes, de modo que o seu uso esteja articulado aos objetivos curriculares e às necessidades presentes na comunidade escolar, potencializando o processo educativo, uma aprendizagem que seja significativa e participativa, garantindo que esses recursos venham ser mediadores e não acessórios de uso.

4.2 SENTIDOS ATRIBUÍDOS A PROIBIÇÃO

O uso dos celulares em sala de aula está ocupando um espaço bem frequente durante os debates que dizem respeito às questões educacionais, ao mesmo tempo que os celulares que os dispositivos possibilitam diversos meios de acesso à informação, também é constantemente causador de distrações e perda do foco, elementos esses que foram apresentados pelos estudantes entrevistados, estando relacionado diretamente às discussões que regulamentam o uso das mídias digitais nas instituições de ensino. A partir dessa realidade, foi sancionada a Lei nº15.100/2025, que dispõe sobre a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais nos estabelecimentos públicos e privados de ensino da educação básica.

Art. 2º Fica proibido o uso, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais durante a aula, o recreio ou intervalos entre as aulas, para todas as etapas da educação básica.

§ 1º Em sala de aula, o uso de aparelhos eletrônicos é permitido para fins estritamente pedagógicos ou didáticos, conforme orientação dos

profissionais de educação. (BRASIL, 2025.)

A Lei prevê a proibição dos smartphones nas dependências escolares, inclusive nas salas de aula, de modo que venha possibilitar aos alunos uma maior concentração e dedicação durante as aulas, reduzindo as dispersões causadas pelo dispositivo e seus aplicativos.

Entretanto, nesta mesma Lei há um inciso em que destaca que o uso dos aparelhos eletrônicos podem ser utilizados se forem direcionados especificamente para os fins pedagógicos, sendo necessária a existência da intencionalidade pedagógica já citada anteriormente. Este inciso revela que a legislação não possui o interesse em realizar a exclusão das mídias digitais durante o processo educacional, mas sim que para o uso haja uma finalidade e uma orientação de acordo com as propostas pedagógicas dos professores.

Moran (2007) destaca que

Para que uma instituição avance na utilização inovadora das tecnologias na educação, é fundamental a capacitação de docentes, funcionários e alunos no domínio técnico e pedagógico. A capacitação técnica os torna mais competentes no uso de cada programa. A capacitação pedagógica os ajuda a encontrar pontes entre as áreas de conhecimento em que atuam e as diversas ferramentas disponíveis, tanto presenciais como virtuais. Essa capacitação não pode ser pontual, tem de ser contínua, realizada semipresencialmente, para que se aprenda, na prática, a utilizar os recursos a distância. (MORAN, 2007, p.90.)

Essa perspectiva mostra que a utilização de metodologias ativas pode ser um instrumento em que coloque o educando na posição de sujeito ativo da sua própria aprendizagem, sendo a principal questão não o uso do celular, mas a metodologia escolhida para a realização desse uso, de forma que os celulares não sejam inimigos, e sim aliados. Como apresentado por Moran, é mediante a capacitação (de forma técnica e pedagógica) que desenvolve-se uma melhor orientação para o uso dos celulares de forma que explore as suas potencialidades.

“Aqui na escola a gente só estava usando o celular para conversar durante a aula e ouvir música também, só estava atrapalhando, porque a gente usava mal e não prestava atenção na aula.” (ALUNO DO GRUPO A)

“Quando a gente podia trazer o celular pra escola, não usávamos em nada que ajudasse nos nossos estudos, atrapalhava mais do que ajudava, porque os alunos não tinham controle e queriam ficar só usando as redes sociais, nem prestavam atenção nas aulas.” (ALUNO DO GRUPO B)

Esses entendimentos apresentados pelos estudantes deixa em evidência uma visão bastante comum entre os alunos, de que o uso do celular de maneira ilimitada e sem intencionalidade pedagógica, tende a dificultar o processo de aprendizagem e o comprometimento da atenção.

O relato apresentado pelo estudante evidencia que mesmo quando o uso estava liberado, não havia uma orientação clara de ações que utilizaria os celulares como recursos pedagógicos, sendo resultado a queda de engajamento dos alunos durante as aulas, conversas paralelas e dispersivas. Papert (2008) reforça ainda mais essa perspectiva ao salientar que as potencialidades fornecidas pelos recursos metodológicos só são efetivadas quando o aluno participa do seu uso de maneira ativa.

Entretanto, o relato apresentado destaca que não havia justamente esta postura ativa, pois o celular era utilizado como mero recurso de entretenimento, totalmente desvinculado a produção de conhecimento, sendo necessária a utilização de propostas pedagógicas em que o uso do celular ocorra de modo orientado e crítico.

Dessa forma, podemos perceber que o depoimento fornecido pelo estudante não apenas deixa visível os riscos de um mau uso dos celulares nas instituições de ensino, como deixa claro a necessidade de políticas públicas que auxiliem na diminuição desses riscos recorrentes, como é o caso da Lei nº15.100/2025, como também de propostas pedagógicas em que o uso desse recurso tecnológico venha a contribuir e somar com a produção de conhecimento.

4.3 TENSIONAMENTOS E SUGESTÕES DOS ESTUDANTES

A discussão sobre o uso dos smartphones não se limita apenas à legislação, aos professores e a direção escolar, os próprios estudantes apresentam fortes opiniões sobre esse uso, se deveriam ou não ocorrer, e a forma a qual deveria ocorrer. Kenski (2007) nos mostra a importância de utilizar a tecnologia como um meio pedagógico, produzindo uma aprendizagem facultada, interativa e colaborativa. Diante das falas apresentadas pelos estudantes, percebemos que as opiniões convergem, pois podemos perceber que os estudantes defendem o uso do aparelho eletrônico, desde que seja para atividades específicas e orientadas.

Em uma era digital, simplesmente escolher um método de ensino, como seminários ou formação prática, não será suficiente. Não é provável que um método, como aulas expositivas ou seminários, oferecerá um

ambiente de aprendizagem rico o suficiente para que os alunos desenvolvam competências que incluam relevância contextual e oportunidades para a prática, discussão e feedback. (BATES, 2017, p.151)

Bates (2017) ressalta que utilizar apenas o método tradicional que favorece a transmissão de conteúdos fornecerá o desenvolvimento de todas as competências e aprendizados necessários para a sociedade nessa era digital. De tal modo, é importante realizar a adaptação curricular, de modo que venha a ser incluso as constantes mudanças enfrentadas por nossas comunidades, tendo em vista que o currículo não deve ser imutável e estático, e sim atender aos avanços.

Para que a adaptação curricular venha acontecer de maneira positiva, é necessário que haja a implementação das tecnologias de forma significativa e intencional, criando condições curriculares que possibilitem o uso de maneira responsável, para que não venha acontecer a realidade observada pelos estudantes: distração e desatenção.

“Uma idéia legal seria usar alguns jogos ou até mesmo aquelas perguntas e respostas que a gente responde no celular, usar vídeos também seria algo bem interessante, eles sempre ajudam a entender melhor, porque muitas vezes falam de uma forma mais fácil de entender. Só que não acho que o celular deva ser utilizado o tempo todo e de qualquer forma, mas que a gente só use quando o professor pedir e dizer como usar.” (ALUNO DO GRUPO A)

A fala do estudante reforça que o uso dos celulares nas escolas pode vir a contribuir com a aprendizagem se utilizado com orientação pedagógica e em situações e horários específicos, sendo solicitado pelos professores, pois os estudantes não rejeitam o uso do celular, mas defendem um uso regado e orientado. Além disso, o estudante cita alguns recursos a serem utilizados no celular, como os jogos, vídeos e quizzes, recursos que podem ser utilizados como metodologia ativa e de forma participativa, aumentando o engajamento dos estudantes e o foco durante as aulas. Nesse mesmo sentido, Bates (2017) ressalta que seria interessante o uso de maneira não pontual, mas que ocorresse a inserção durante o planejamento, articulando o currículo, os objetivos de aprendizagem e as práticas pedagógicas diárias.

“O celular pode nos ajudar bastante a aprender novas coisas e melhorar aquilo que já sabemos, tudo vai depender de como vai acontecer esse uso.” (ALUNO DO GRUPO B)

Mediante esse discurso apresentado pelo estudante, nota-se que os estudantes adoram uma reflexão acerca do uso dos celulares, adotando uma compreensão crítica acerca dos

resultados possíveis diante de um bom ou mau uso. Selwyn (2016) apresenta a necessidade de estabelecer uma visão crítica em relação às tecnologias no âmbito educacional, pois embora apresente benefícios, há uma linha tênue entre os benefícios e os desafios que podem ser causados. Mas, percebe-se que os alunos adotam uma postura crítica, reconhecendo que o uso do celular de maneira descontrolada pode causar prejuízo para o seu aprendizado, estando eles assumindo um papel de sujeito crítico, pensante e reflexivo sobre as formas que poderiam ser utilizadas para inserir a tecnologia no seu cotidiano.

Nessa perspectiva, entende-se que os alunos apresentam uma compreensão prática da realidade presentes nas escolas, apresentando como sugestão um equilíbrio entre o uso e o não uso, de modo que venha sempre a ser bem orientado e de maneiras específicas para que não atrapalhe o desempenho nos estudos, onde a exclusão do recurso tecnológico não seja o ideal, mas o uso de forma intencional.

Considerando os dados obtidos nos questionários, foi possível organizar o seguinte quadro analítico:

ASPECTO ANALISADO	O QUE OS ESTUDANTES RELATARAM	INTERPRETAÇÃO	IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA ESCOLAR
Uso do celular como apoio aos estudos	Alguns alunos utilizam o celular para esclarecer dúvidas, acessar resumos, vídeos ou imagens relacionados aos conteúdos escolares.	Os estudantes veem os aparelhos como ferramentas que ajudam na compreensão dos conteúdos quando utilizados de forma direcionada.	O uso do celular deve ser integrado ao planejamento pedagógico, considerando atividades que favoreçam a aprendizagem e organização.
Celular como fonte de distração	Notificações, redes sociais e aplicativos de entretenimento interrompem a atenção durante a aula.	O uso, sem orientação, pode prejudicar a concentração e reduzir o engajamento nos estudos.	É necessária a mediação docente e definição clara de momentos e objetivos para o uso do celular, evitando distrações.
Consciência crítica dos alunos	Alguns estudantes relatam filtrar conteúdos e evitar o uso excessivo, reconhecendo o impacto da tecnologia no aprendizado.	Indica que os alunos têm capacidade de reflexão sobre seu próprio uso da tecnologia.	Atividades pedagógicas podem incentivar essa postura, promovendo autonomia e desenvolvimento do pensamento crítico.
Recursos digitais integrados às aulas	Jogos educativos, quizzes e vídeos são apontados como formas de tornar as aulas mais claras e interessantes.	A presença de recursos digitais pode facilitar a compreensão e aumentar a participação dos estudantes.	A implementação de metodologias ativas com suporte digital deve ser planejada para melhorar a interação e compreensão dos conteúdos.
Percepção sobre a proibição	Os alunos reconhecem que o uso irrestrito atrapalha, mas defendem o uso direcionado e supervisionado pelo	A proibição total não resolve o problema; o uso orientado é considerado mais eficiente.	Políticas escolares devem permitir o uso controlado do celular para fins pedagógicos, alinhando tecnologia e aprendizagem.

	professor.		
Colaboração e organização	Celulares ajudam na comunicação de grupos, organização de trabalhos e pesquisa de conteúdos.	Os aparelhos podem expandir os espaços de aprendizagem para além da sala de aula.	O planejamento das atividades deve considerar formas de utilizar os celulares para pesquisa, interação e construção coletiva do conhecimento.

Ao analisar os dados coletados sobre as percepções dos estudantes quanto ao uso dos celulares, é possível identificar tendências gerais que se aplicam a todo o grupo investigado, como os benefícios relacionados à pesquisa, organização de trabalhos e acesso a conteúdos digitais, bem como os desafios ligados à distração e ao uso inadequado das redes sociais. Essas informações foram sintetizadas no quadro anterior, oferecendo uma visão global sobre como os alunos percebem a tecnologia e suas implicações no processo educativo.

Entretanto, para compreender com mais profundidade essas percepções, é necessário considerar as diferenças entre as turmas de 6º e 9º ano, uma vez que a faixa etária e a experiência escolar influenciam diretamente a forma como os estudantes utilizam e se relacionam com os dispositivos móveis. A análise comparativa apresentada na matriz evidencia que os alunos do 6º ano, geralmente mais jovens, apresentam maior vulnerabilidade à distração, utilizam os celulares com foco mais lúdico e dependem de mediação docente, enquanto os estudantes do 9º ano demonstram maior autonomia, criticidade e capacidade de integrar o celular de forma consciente às atividades pedagógicas.

DIMENSÃO	ESTUDANTES DO 6º ANO	ESTUDANTES DO 9º ANO	ANÁLISE COMPARATIVA / IMPLICAÇÕES
Uso do celular como apoio aos estudos	Usam para esclarecer dúvidas básicas, acessar resumos e vídeos; ainda vinculam mais ao entretenimento.	Usam para pesquisa, organização de trabalhos e aprofundamento de conteúdos; conseguem separar estudo e lazer.	Alunos mais velhos percebem melhor o potencial pedagógico; alunos mais novos dependem de mediação docente.
Distração e foco	Maior vulnerabilidade a notificações, redes sociais e aplicativos de jogos; dificuldade em manter atenção.	Reconhecem distração, mas conseguem aplicar estratégias para filtrar informações e manter foco.	Diferença na autonomia e criticidade; 6º ano precisa de orientação constante, 9º ano desenvolve autocontrole.
Consciência crítica	Reconhecem distração, mas têm dificuldade em planejar o uso do celular; reflexão limitada sobre conteúdo consumido.	Maior capacidade de avaliar conteúdos, selecionar informações relevantes e evitar distrações desnecessárias.	Alunos mais velhos mostram postura reflexiva, alinhada à ideia de Papert sobre protagonismo do estudante na aprendizagem.
Recursos digitais no currículo	Valorizam jogos, quizzes e vídeos como forma de tornar aulas mais atrativas; foco em	Reconhecem utilidade de recursos digitais para compreensão de conteúdos e	Ambos percebem benefícios, mas o 9º ano associa mais à aprendizagem efetiva; 6º

	diversão e interatividade.	desenvolvimento de projetos; buscam relevância prática.	ano mais ligado ao lúdico.
Percepção sobre proibição / regras	Preferem regras claras, uso supervisionado e direcionado; celulares livres geram distração.	Apoiam uso orientado, entendendo finalidade pedagógica; valorizam autonomia com limites definidos.	Concordam que a proibição total não resolve; maior maturidade no 9º ano permite uso mais autônomo e crítico.
Colaboração e organização	Auxiliam na comunicação para trabalhos em grupo, mas dependem de supervisão docente; dificuldade em planejar tarefas.	Utilizam celulares para organizar trabalhos, comunicação e pesquisas de forma autônoma e colaborativa.	Diferença na independência; 9º ano consegue integrar dispositivos à rotina de estudo com menor supervisão.

Diante das análises realizadas, fica evidente que os estudantes reconhecem tanto os benefícios quanto os desafios do uso dos celulares no contexto escolar. O recurso digital, quando utilizado de forma orientada e intencional, pode ampliar o acesso à informação, favorecer a colaboração em trabalhos e estimular a participação ativa dos alunos, conectando o currículo às experiências digitais presentes em suas rotinas. Por outro lado, o uso inadequado, sem mediação pedagógica, contribui para distrações e perda de foco, reforçando a necessidade de estratégias claras e supervisionadas.

As diferenças observadas entre os alunos do 6º e 9º ano evidenciam que a maturidade, a experiência escolar e a capacidade de autorregulação influenciam diretamente a forma como os dispositivos são percebidos e utilizados, indicando que a implementação das tecnologias deve considerar a faixa etária e o nível de autonomia dos estudantes.

Dessa forma, este capítulo reforça que a integração dos celulares ao currículo escolar não se trata apenas da disponibilização de recursos digitais, mas da criação de condições pedagógicas que garantam o uso significativo, crítico e alinhado aos objetivos de aprendizagem, contribuindo para uma experiência educativa mais engajada e contextualizada.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da pesquisa realizada, buscamos compreender e analisar de que forma os estudantes do 6º e 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública percebem o uso (ou o não uso) dos celulares na instituição de ensino, e de qual forma essa situação afeta a sua prática curricular. O desejo de entender melhor essa percepção dos estudantes e como estava se dando o uso dos smartphones serviram de motivação para a realização de uma pesquisa mais ampla e direta sobre o tema em questão.

A análise dos resultados desta pesquisa deixa em evidência que o uso dos celulares pelos estudantes demanda de uma abordagem que seja planejada e com intencionalidade pedagógica, pois mesmo que essa tecnologia esteja presente no cotidiano na maioria dos alunos, o seu uso de forma equivocada pode resultar na geração de dificuldades para o âmbito educacional, como a desconcentração, dispersão e baixa atenção as atividades pedagógicas.

No âmbito do município de Alhandra, é notório a presença de dificuldades acerca do uso dos celulares nas instituições de ensino. Analisando de perto e recebendo relatos de alunos, vê-se que as potencialidades oportunizadas através da tecnologia não são tão aplicadas no processo de ensino, de modo que o uso dos celulares geralmente se dá por escolha dos alunos que tem o interesse em estender o seu conhecimento ou produzi-lo.

Em correspondência com algumas respostas obtidas mediante o questionário, percebe-se que os estudantes compreendem a ambiguidade que o uso dos smartphones oferece, apresentando uma postura crítica a respeito da temática. Em seus discursos, relatam que o recurso tecnológico possui características e capacidades suficientes para ser um potencializador dos processos de ensino e aprendizagem, podendo ser utilizado como recurso pedagógico e tecnológico, desde que seja utilizado de maneira intencional, planejada e orientada. Outro ponto apresentado pelos alunos, é que os smartphones podem auxiliar na realização de uma forma de aprendizagem mais lúdica, chamativa para os alunos, e divertida, sendo um diferencial para as aulas que ocorrem focadas no método tradicional, onde a transmissão de conteúdos assume quase a totalidade das aulas. Os estudantes destacam a necessidade de saber utilizar bem o celular, pois só assim ele potencializa a produção de conhecimento, sendo de forma efetiva um ajudante do aprendizado, de modo que o mau uso desse recurso tende a produzir dificuldades e problemas futuros.

Diante desse cenário, seria relevante o desenvolvimento de programas de formação continuada para os professores que abordassem e se capacitassem para o uso do celular de uma forma crítica, de modo que ocorra de forma planejada, intencional e consciente, articulando e adaptando as práticas pedagógicas com o currículo escolar, inserindo nesse meio as tecnologias, promovendo o conhecimento digital para os estudantes que estão rodeados de avanços tecnológicos.

É imprescindível reconhecer que o uso dos celulares nas instituições de ensino não é questão de permissividade ou sua proibição, mas sim do uso para fins pedagógicos, de forma planejada, crítica e responsável, favorecendo a utilização de um poderoso recurso de aprendizagem. Além disso, é necessário que haja uma reflexão acerca do entendimento da Lei, para que ela não seja má interpretada com relação ao uso dos celulares nas escolas, compreendendo todas as suas vertentes. Espera-se que essa pesquisa seja útil para próximas pesquisas relacionadas à educação, currículo e tecnologia, permitindo o surgimento de debates acerca da temática e uso

das sugestões para planejamentos pedagógicos.

6. REFERÊNCIAS

BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. 1. ed. Porto Alegre: Penso, 2018.

BATES, Tony. **Educar na era digital: design, ensino e aprendizagem** [livro eletrônico]. Tradução João Mattar. 1. ed. São Paulo: Artesanato Educacional, 2017. (Coleção tecnologia educacional, 8). E-book (PDF). ISBN 978-85-64803-07-7.

BRASIL. **Lei nº 15.100**, de 13 de janeiro de 2025. Dispõe sobre a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais, inclusive celulares, nos estabelecimentos de ensino da educação básica. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 14 jan. 2025. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2025/lei-15100-13-janeiro-2025-796892-publicacaooriginal-174094-pl.html>. Acesso em: 01 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018

BRASIL. Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. **Crianças, adolescentes e telas: guia sobre usos de dispositivos digitais**. Brasília, DF: SECOM/PR, 2024. E-book. ISBN 978-65-985657-0-1.

CRESWELL, J. W. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2010

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GÓMEZ, A. I. Perez. **Educação na Era Digital: a escola educativa**. Tradução Marisa Guedes. Porto Alegre, Penso, 2015, 192 p.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologia: O novo ritmo da informação**. São Paulo: Papirus, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? – novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 2001.

L.D.B. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. Campinas: Papirus. 2007.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. CANDAU, Vera Maria. **Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura**. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

OPHIR, Eyal; NASS, Clifford; WAGNER, Anthony D. Cognitive control in media multitaskers. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of**

America, v. 106, n. 37, p. 15583–15587, 2009.

PAPERT, Seymour. **A máquina das crianças**: repensando a escola na era da informática. Tradução de Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.

PAPERT, Seymour. **Logo**: Computadores e Educação. Ed. Brasiliense, São Paulo. 1985.

ROLDÃO, Maria Do Céu; ALMEIDA, Sílvia De. **Gestão Curricular**: Para a Autonomia das Escolas e Professores. Ministério da Educação, 2018. ISBN 978-972-742-422-1.

SACRISTÁN, J.G. **O currículo**. Uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre, RS: Artmed, 1998.

SANCHO, Juana Maria. **Para uma Tecnologia Educacional**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SELWYN, N. **Educação e Tecnologia**: Questões-chave e debates. Bloomsbury Publishing, 2016.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez. 2014.

APÊNDICES

4.1 Apêndice A - Questionário aplicado aos estudantes.

1. Qual a sua idade?
2. Qual a sua turma?
3. Levando em consideração o uso dos celulares nas escolas, você acredita que os professores deveriam usar mais vídeos, jogos ou aplicativos nas aulas? Por quê?
4. Você consegue se concentrar bem nos estudos quando seu celular está por perto? O que te distrai mais?
5. Você acha que as redes sociais influenciam na forma como você aprende ou participa das aulas? Como?
6. Você utiliza o celular para fazer pesquisas ou organizar trabalhos escolares? Como você utiliza?
7. Quais são as principais dificuldades de usar o celular para estudar? O que poderia ser feito para melhorar isso?

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Centro de Educação

Departamento de Habilidades Pedagógicas

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título da Pesquisa: Smartphones e práticas curriculares: um estudo com estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental

Pesquisadora: Thayllany Keylla de Lima Silva

Orientadora: Profa. Dra. Nathália Fernandes Egito Rocha Prezado(a)

Senhor(a),

A estudante acima citada está desenvolvendo uma pesquisa para fins acadêmicos, no contexto do Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia. O objetivo da pesquisa é compreender como o uso de smartphones por estudantes do 6º e 9º ano do Ensino Fundamental se relaciona com as práticas curriculares vivenciadas na escola.

A participação dos (as) alunos (as) é voluntária e consiste na realização de uma entrevista semiestruturada, que será conduzida de forma ética e respeitosa, em horário e local previamente definidos pela escola, com duração aproximada de 20 a 30 minutos. Não haverá qualquer custo ou compensação financeira pela participação.

Todas as informações obtidas serão mantidas em sigilo e utilizadas apenas para fins acadêmicos. O nome do(a) estudante e da escola não será divulgado em nenhuma fase do trabalho. O(a) participante pode se retirar da pesquisa a qualquer momento, sem necessidade de justificativa e sem prejuízo algum.

Ao assinar este termo, o(a) senhor(a) autoriza a participação do (a) estudante na referida pesquisa, compreendendo seus objetivos, procedimentos e garantias éticas.

Em caso de dúvidas, a qualquer momento, estou à disposição para esclarecimentos por meio do seguinte contato: Profa. Dra. Nathália Rocha – [nathaliafernandesufpb@gmail.com]

Declaro que li, entendi as informações acima e autorizo a participação do (a) estudante na pesquisa.

Nome do(a) estudante:

Assinatura do(a) responsável legal:

Data:

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Centro de Educação

Departamento de Habilidades Pedagógicas

TERMO DE ASSENTIMENTO

Título da Pesquisa: Smartphones e práticas curriculares: um estudo com estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental

Pesquisadora: Thayllany Keylla de Lima Silva

Orientadora: Profa. Dra. Nathália Fernandes Egito Rocha

Olá!

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa. Esta pesquisa quer entender como você e seus colegas usam o celular (smartphone) e como isso se relaciona com as aulas e atividades da escola.

Se você concordar em participar, será convidado(a) a conversar com a pesquisadora, respondendo a algumas perguntas sobre o seu uso do celular no dia a dia escolar. Essa conversa (entrevista) acontecerá em um momento e local combinados com a escola e vai durar cerca de 20 a 30 minutos.

Sua participação é voluntária. Isso significa que você pode dizer "não" ou pode parar de participar a qualquer momento, se quiser. Não haverá problema nenhum se você decidir não participar ou quiser parar.

As suas respostas ficarão em sigilo: ninguém da escola ou de fora vai saber o que você respondeu, e seu nome não será divulgado no trabalho.
Se você entendeu tudo e aceita participar, assine abaixo.

Eu, _____, li ou ouvi a explicação acima, entendi o que foi falado e ACEITO participar da pesquisa.

Assinatura do(a) estudante:

Data: